

Zona de livre comércio inclui nações do SADC

MARCELO DE PAIVA ABREU

Os países membros do Mercosul devem discutir em sua próxima reunião de cúpula, em Florianópolis (SC), a minuta de um acordo-quadro entre o Mercosul e a República da África do Sul, possível semente de uma zona de livre comércio que poderá, no médio prazo, incluir os demais 13 membros da Southern Africa Development Community (SADC).

Os vínculos prévios entre os dois lados do Atlântico Sul são tênues se a vista vai além da notável vitória de Salvador de Sá em Luanda no século XVII e dos horrores do tráfico de escravos: os belos desenhos de Burchell, depositados quase que por acaso na Public Library de Joanesburgo; o boom das exportações têxteis brasileiras para a África do Sul durante a Segunda Guerra Mundial; a mudança de rumo da política externa brasileira quanto a Angola no início dos anos 70. E a lista se esgota por aí. Seria oportuno dar agora prioridade à aproximação entre os dois lados do Atlântico Sul.

É certo que tanto Mercosul quanto SADC, depois de espetaculares sucessos no terreno da consolidação democrática, de estabilização econômica e de retomada de crescimento em muitas das economias das duas sub-regiões, estão agora enfrentando dificuldades importantes.

No Mercosul, as expectativas de volta ao crescimento sustentado do Brasil são toldadas pela deterioração da situação na Argentina, que parece estar enfrentando pela primeira vez em muitos anos uma reação de desconfiança dos mercados, talvez sem plena explicação nos fundamentos da situação econômica, fenômeno que em geral tendia a afligir o Brasil.

O problema estrutural relativo à coordenação macroeconômica entre as duas maiores economias do Mercosul continua a ser o mesmo: a inflexibilidade da política argentina de paridade fixa do peso, para a qual não há alternativa que não seja de altíssimo risco. Do lado africano, cabem também dúvidas quanto a pontos cruciais. Em que medida foram efetivamente equacionados os problemas relacionados às negociações comerciais que conduziram a uma zona de livre comércio no âmbito da SADC?

Quão desestabilizadoras são as conseqüências da deterioração da situação política no Zimbábue? Como serão equacionadas pela África do Sul as dificuldades decorrentes da fuga de capitais de Joanesburgo para Londres em busca de melhores avaliações de risco? E fuga de mão-de-obra especializada?

A estabilidade futura de Mercosul e SADC depende do equacionamento destas dificuldades.

É verdade que o comércio do Mercosul com a SADC é modesto. Em 1999 a África do Sul exportou algo em torno de US\$ 275 milhões para o Mercosul e importou cerca de US\$ 430 milhões, sendo o comércio total da ordem de US\$ 50 bilhões.

Os dois fluxos são bem diversificados. Quanto às exportações sul-africanas devem ser mencionados carvão e metais processados e, quanto às importações, alimentos, tratores, partes e componentes para material de transporte. Em face da reduzida importância dos atuais fluxos de comércio, estimativas dos efeitos de uma zona de livre comércio conduzem a resultados pouco alentadores quanto à criação de comércio nos dois lados do Atlântico Sul.

Mas quaisquer dúvidas quanto à justificativa econômica para a cooperação mais estreita entre as duas iniciativas sub-regionais devem ser dissipadas pelos argumentos de natureza política. Tanto África do Sul quanto os integrantes do Mercosul são, em alguma medida, "órfãos do sistema multilateral". São economias cujo comércio não está concentrado regionalmente e que estão interessadas em romper o isolamento que lhes é imposto pela sua posição secundária na agenda da União Européia, seu principal parceiro comercial.

É nesse quadro que se insere a figura da borboleta preconizada pelo ministro Alec Erwin, da África do Sul, ao enfatizar a necessidade de que a política econômica externa sul-africana busque novas oportunidades a leste e a oeste.

A aproximação SADC-Mercosul poderá ainda "melhorar o formato" de integração em uma futura grande zona de livre comércio. Uma economia do tamanho da África do Sul poderia minorar as conseqüências de uma excessiva concentração de poder de barganha do maior parceiro como ocorre hoje no Mercosul.

Simetricamente seria atenuada a posição dominante da África do Sul na SADC.

Nos foros internacionais já existe cooperação entre África do Sul e Mercosul, especialmente com o Brasil, em assuntos comerciais multilaterais.

Esta cooperação poderá ser expandida, fortalecendo a estratégia de que as economias em desenvolvimento deverão buscar em Genebra uma posição que evite ardores principistas e lute pela abertura dos mercados desenvolvidos em um quadro de liberalização adicional de seus próprios mercados.

A importância limitada dos atuais fluxos de comércio sugere estratégia de liberalização nas negociações entre SADC e Mercosul na qual sejam combinados dois elementos: um programa extremamente ambicioso de liberalização, complementado por salvaguardas para uso eventual no caso de serem excedidos níveis de comércio ou taxas de expansão de fluxos comerciais muito maiores do que os pré-existentes. A alternativa seria uma negociação convencional precedida de penoso esforço de determinação de competitividade de produtos com base no seu desempenho exportador em terceiros mercados. Kas Maine, o herói do livro *The Seed is Mine*, magnífica biografia de um homem do povo sul-africano, escrita por Charles van Onselen, foi um meeiro de notável tino agrícola que viveu na África do Sul entre 1894 e 1985. Foi crescentemente tolhido pela intensa regulação introduzida desde o Land Act de 1913, para bloquear o acesso à terra por parte dos "nativos" e que culminou no apartheid e seus

desdobramentos. A tarefa dos governos no Mercosul e na SADC deve ser a de assegurar que os Kas Maines de ambos os lados do Atlântico Sul possam contribuir sem restrições para o progresso econômico e social de seus países. Relações mais estreitas entre os dois grupos de países podem ajudar a consolidar mutuamente as reformas requeridas para que se alcance uma saudável combinação de crescimento sustentado e redução das desigualdades sociais.

.-----

*Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio